

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Paroite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Desde 2 de fevereiro, que se organisou o ministerio, e ainda até agora nem um só acto politico veio revelar-nos a sua côr. Que indifferença será esta pelos negocios publicos? O paiz acha-se dividido em duas opiniões, que combateram na Venda Grande e em Santa Luzia: está o ministerio persuadido, que com ambas poderá fazer o bem publico? está persuadido, que as pôde amalgamar? é absurdo, que não concebemos, que possa entrar na cabeça de alguém. Está o gabinete persuadido, que nenhuma dellas é boa, e que deve formar um terceiro partido? não cremos, que os homens, que o formam, ignorem que os partidos organisam ministerios, mas que os ministerios não organisam partidos. Se os ministros quando simples particulares, ou membros das camaras não tiveram influencia bastante para reunir grupos em torno de si, tel-a-hão depois de elevados ao ministerio? Seus satellites serão os homens, que vão sempre atraz do poder; mas os homens das convicções esses não.

E se não é possível amalgamar as suas opiniões, que combateram no campo da batalha, e se não é possível formar agora um terceiro partido, o que faz o ministerio? porque se não decide? O ministerio não deve querer governar sem inimigos, porque para isso será necessario, que não tenha amigos: o ministerio sem amigos nem inimigos não governa. Para que o ministerio tenha quem o sustente, por necessidade tem quem o combata. Ministerio sem amigos nem inimigo é uma decepção.

E convem, que os negocios vão á matroca? cuidamos, que os ministros não podem deixar de conhecer, que é necessario dar direcção ao espirito publico. Ou espera o ministerio, que alguém lhe mostre qual deve ser a sua linha de conducta? mas se o espera, então não quer governar, quer ser governado.

Tem o ministerio receio de se apresentar ao paiz, de lhe dizer quem é e o que é? receia a sorte do gabinete passado? receia a guerra do homem poderoso, que já tem dado em terra com tres ministerios? Se tem medo largue o posto; e se o não tem mostre-o.

O silencio do gabinete, a sua apathia respeito a seus principios politicos, e mesmo respeito aos principios de administração geral indicam, que está elle com susto ou de alguém agora, ou das camaras, quando estas se reunirem. D'aquelles a quem succeder o actual gabinete, e dos amigos d'elle, esses lhe tem fallado muito claro, e por consequencia já pôde saber, em que conta os deve

ter. Se os ministros actuaes querem na essencia seguir os principios politicos e administrativos dos ministros transactos, aqui estamos promptos nós, e todos os nossos cor-religionarios para lhes prestarmos o nosso apoio. Sejam os ministros fieis aos principios, que expenderam nas camaras, e correremos a apoiá-los. Mas se renegam esses principios, se lhes querem fazer guerra, aqui estamos tambem para os combater, e combater energicamente. Por nossa parte não temos a mais pequena relação com nem um dos membros do gabinete actual; não temos lá amigos intimos; mas nossa opinião e linha de conducta não depende dos individuos: apoiamos ou guerreamos os principios, e não os homens. Se fosse possível, que o Sr. Antonio Carlos pudesse um dia seguir um systema coordenado de ideias, e que estas fossem de ordem, logo no mesmo dia lhe prestaríamos nosso fraco apoio.

Não cuide porém o gabinete, que iremos adiante d'elle: havemos de acompanhá-lo. Não lhe fazemos exigencias, não lhe encommendamos cousa nenhuma; não queremos governar; queremos ser governados: e por isso esperamos, e temos paciencia para esperar. A marcha do gabinete é quem nos hade decidir.

Com nosco pois já o gabinete sabe como deve contar: somos-lhe mais favoraveis do que elle poderia suppor, e do que nos consta, que suppunha; que suppunha elle, que logo lhe faríamos opposição. O gabinete de 2 de fevereiro não foi que fez demittir o gabinete transacto; por ahí pois não nos merece guerra: só a merecerá por seus actos.

Mas se o gabinete não tem medo de nós, de quem o terá? De quem? daquelles que causaram a demissão do gabinete de janeiro: do Sr. Saturnino, e daquelles, que produziram a queda do ministerio por causa do Sr. Saturnino. O Sr. Saturnino com effeito deve ser um espectro bem medonho, que se deve apresentar á imaginação dos ministros; e os amigos do Sr. Saturnino devem assustar a muita gente. Esses homens, que com manha de serpentes se introduzem, onde não são chamados, e onde lhes não compete, e que se conservam invisiveis, de modo, que disparam seus tiros com pontaria certa, entretanto, que ninguém os pôde fazer alvo, esses homens devem com effeito ser bem assustadores.

Mas, comprehenda o gabinete, que está fazendo um mal immenso ao paiz, e a si mesmo: está perdendo a força de que carece para bem poder satisfazer sua missão. Os presidentes das provincias, estão hoje na incerteza: todo o paiz está em um estado de oscillação terrivel.

Desejamos muito, que o ministerio queira seguir a politica de seus antecessores; mas desejamos ainda mais, que queira tomar uma resolução definitiva: desejamos saber, se os temos como amigos ou como inimigos.

Pôde haver maromba nas camaras; pôde ser marombeiro um membro das camaras; mas um ministro, de modo nem-um.

E o gabinete actual nem marombeiro se mostra: são passados 13 dias depois da sua organização: (estamos hoje a 15:) e até agora nada, um só acto seu não apparece mais, que os de mui simples expediente. Pois 13 dias na vida de um ministerio é nada?

IMPARCIALIDADE.

Eis aqui uma palavra sonora aos ouvidos, mas, que na accepção, em que vulgarmente se toma, é vazia de sentido. Imparcial nem pôde ser a sorte; o juiz esclarecido nunca é imparcial. Imparcial deve ser uma nação neutra entre dous belligerantes; porque deve nem ser a favor de um, nem a favor de outro: imparcial pôde ser o homem, que não é chamado a julgar uma controversia: esse sim pôde ser imparcial, porque pôde não querer tomar conhecimento algum da causa: mas o homem, que tem alguma razão, por mais pouca, que seja, logo que ouve tratar de uma materia qualquer, fórma tambem um qualquer juizo a favor de um dos lados, contra outro ou outros; e no mesmo instante deixou de ser imparcial.

O julgador nunca é imparcial. Se a sua sentença é a favor de alguém e contra alguém, como será imparcial? para que fosse imparcial, era preciso, que nada decidisse. Mas, dirão, dá a cada um o que é seu; e que importa? mas se não offende direitos, offende interesses; e se não favorece direitos, favorece interesses: que imparcialidade então é essa?

O uso tem chamado juiz imparcial, a aquelle, que julga segundo a justiça: seguimos o uso em nosso modo de falar; mas a expressão é inexacta. O juiz nesse caso é recto; mas não imparcial.

Quando se trata de politica, estas reflexões ainda tem mais explicação; mas são ainda as mesmas, que regem, com a differença de ser em escala differente. O estadista tem certas ideias sobre as conveniências do Estado: não pôde mais ser imparcial: necessariamente hade trabalhar, para que essas ideias triumphem: e por consequencia tambem hade trabalhar, para que as adversarias não ganhem terreno. Quereis estadista imparcial? é necessario, que ou não seja estadista, isto é, que não forme juizo algum sobre as conveniências sociaes, ou que seja homem de inteira negligencia, e pessimo cidadão, que conhecendo, o que convem, não trata de lhe dar desenvolvimento, e suffocar aquillo, que é nocivo.

Entremos na pratica. O estadista acha-se a testa de uma repartição: é ministro: dous homens se lhe apresentam; um, ignorante e cheio de vicios; o outro, homem douto e virtuoso? o ministro immediatamente se faz parcial, porque se decide em favor do segundo. Vem outros dous: um ignorante e virtuoso; outro douto e vicioso: o ministro pesa as vantagens e desvantagens de cada um, e se torna favoravel á aquelle, que melhor julga poder-lhe satisfazer as vistas.

E se ao ministro se apresentar um homem virtuoso, e não dessas notabilidades scientificas, mas com conhecimentos bastantes, para o que o querem: de outro lado

se apresenta um genio raro, mas ao mesmo tempo compendio de vicios e crimes, será o ministro censurado por ter preferido o primeiro ao segundo?

Mudemos agora a questão. Um ministro tem certas vistas, de cuja realisação entende, que deve provir o bem publico. Pôde conservar-se sem lhes dar desenvolvimento, e sem as querer reduzir á pratica? Será pelo menos um pessimo cidadão, que se não esforçará pelo bem de seu paiz. Eil-o dando direcção aos negocios, ou favorecendo certas ideias já em voga, ou contrariando-as, ou procurando que prevaleçam outras. E' a primeira condição da existencia de um gabinete. Os homens, que se encarregam de uma pasta devem ter a convicção, de que suas ideias são conformes ao bem publico: e que de mais estão em occasião de as realisar: porque não basta saber como, é preciso saber quando. Aquella, que não estiver convencido, de que pôde fazer prevalecer suas ideias, não deve ser ministro. (Ninguem suppõe, que suas ideias não são as melhores.)

Mas ao ministro apresentam-se para um emprego dous candidatos; um cujas ideias se conformam com as delle, e que por consequencia de muito boa vontade se encarregará da execucao de qualquer medida, que dimanar dessas mesmas ideias: outro que pelo contrario suppõe, que as ideias do ministro são contrarias ao bem publico: e que por consequencia na pratica, quando não trate de pôr embarços, pelo menos não terá o ardor da convicção: qual preferirá o ministro? Será digno de censura, por preferir o primeiro ao segundo?

Mas o primeiro tem apenas capacidade mediana; o segundo é homem superior; e que importa? se o primeiro tem a capacidade precisa para o emprego, é quanto basta. O primeiro empregará a boa vontade; e essa lhe fará supprir os conhecimentos, que abundam no segundo, e que ficarão deslustrados pela má vontade, com que serve.

E quem disse, que esse homem hade servir de má vontade? Quem? a natureza das cousas. Não pensa elle, que o seu serviço se não é em detrimento publico, pelo menos é inutil? E quereis, que o homem collocado nessas circumstancias trabalhe do mesmo modo, que o outro, que suppõe, que no fim hade ter um resultado vantajoso. Chamai dous jornaleiros, e dizei a um, — *trabalha: nunca terás a mais pequena recompensa:* — dizei ao outro — *trabalha: tua recompensa será igual ao teu serviço:* — qual dizeis, que trabalhará mais?

Em summa: ministro imparcial seria ministro sem pensamento sobre os negocios publicos: isto é, um impossivel. Dizer a um ministro: *consegua-te imparcial,* é dizer-lhe; *mostra-te estúpido ou máo cidadão.* A alternativa é triste.

PREENCHE-SE O MINISTERIO?

Qual é a razão, porque se não completa o ministerio? Eis uma pergunta, que naturalmente se offerece, e a que por nossa parte não podemos dar satisfactoria resposta. E' porque com effeito ninguem se tem querido encarregar das pastas vagas? ou é porque estão designados para ellas individuos, que se não acham na capital? A primeira resposta indicaria summa fraqueza nos membros actuaes do gabinete: a segunda poria a todos em sustos, porque ninguem sabe quem são esses individuos, e por consequencia qual será a côr definitiva do gabinete.

O publico deveria ser informado de alguma cousa a

este respeito, se não oficialmente ao menos por alguém, que tivesse algum credito. (O *Pharol* tem amizade intima com um dos membros do gabinete, e por consequencia; talvez não tivesse duvida prestar-se a esse serviço.) O publico tem feito idéia, de que o actual ministerio não espera sustentar-se ao menos tal e qual, logo que se reunam os camaras: e por tanto tem supposto, que até lá o gabinete é apenas provisório. Esta idéia toma mais vigor com a falta dos dous ministros para as pastas ainda vagas. E convirá certificar assim a nação, de que o ministerio não está definitivamente organizado? No estado de agitação, em que se acha o Brasil, convém dizer-lhe: por tres mezes não temos governo? ou temos um governo sem força, o que vale o mesmo, que não ter nenhum? Aos fidelissimos convém isso summamente: elles, que só trabalham para estabelecer a anarchia, faz-lhe conta tudo o que cheirar a anarchia. E em quanto não houver governo, que os reprima, procurarão ganhar terreno: mas a quem quer ordem no paiz, a quem tem soffrido por causa da anarchia e dos anarchistas, semelhante estado não pôde convir: é preciso saber, em que lei se vive. Serve este estado para o *Pharol*, que já disse muito afoutamente, que não carece o gabinete actual dar demonstração nem uma positiva do systema politico e administrativo, que pretende seguir, querendo assim, que tenhamos governo de meia cara (permitta-se-nos a expressão) que depois possa escapar-se pelas tangentes, que bem lhes aprouver: mas a quem quer saber com quem vive, semelhante proceder não pôde convir.

Houve tempo, em que se pretendeu refundir em quatro as seis secretarias d'estado: serão os ministros dessa opinião, e será por isso, que se não preenche o ministerio? será porque não acham os ministros dous homens de sua confiança, a quem sejam entregues as repartições? Será porque não haja quem dellas se queira encarregar? será porque o ministerio julga inutil fazer nomear dous ministros por tão pouco tempo? Tudo pôde ser, mas nós nada sabemos.

O que sabemos é, que a incerteza nos mata. Desejamos de todo coração, que o gabinete se pronuncie ou por nós, ou contra nós: mas que acabe com isso por uma vez. A continuar o estado actual, antes o Sr. Antonio Carlos com todo o seu orgulho e loucuras. Travar-se-ia o combate, e alguém havia de vencer. Já dissemos, e repetimos; o Sr. Saturnino deve de necessidade tomar conta de uma pasta.

MAIS UMA CALUMNIA.

O contemporaneo do *Nacional*, na forma do seu costume, levanta ao grande partido da ordem, mais uma calumnia. Diz, que exigimos do ministerio de fevereiro, que *faça guerra sem treguas e sem misericordia ao partido, por cujo esforço foi anticipada a maioridade imperial*. Onde, contemporaneo, onde dissemos isso? quem o disse? Um dos que se esforçaram, para na vossa linguagem, anticipar a maioridade imperial, aquelle, que mais serviços fez a essa causa foi o illustre e honrado marquez de Paranaguá. E por ventura não fez parte com nosco do gabinete de março.

Sempre quizemos a maioridade, mas não a queríamos, como a queriam os Alvares Machados e Ottonis, os Josés Bentos e Vergueiros. A maioridade teve logar nem pelo modo, que queríamos, nem pelo modo, que querieis. Aceitamol-a tal qual se fez: no mesmo dia a reconhecemos,

e todas as suas consequencias: abrimos os braços, aos que até então tínhamos combatido. E como fomos recebidos? Do modo mais injurioso: chamaram-nos traidores; disseram-nos, que pedissemos perdão! Perdão nós? nós que tinha querido a fiel execução da lei? A guerra foi declarada, guerra legal: em março vos obrigamos a largar o posto, em que vos achaveis tão ufanos. Então vos abrimos novamente os braços; quizemos repartir com vosco o poder: conservamos em S. Paulo o coronel Tobias: distribuimos as graças, conferindo-as aos Vergueiros, Feijós, Alvares Machados e outros. Como nos recebestes? repellistes-nos: appellastes para a força bruta, quizestes decidir a victoria no campo da batalha. Lá fomos provocados por vós: lá vos vencemos.

A guerra, guerra sem treguas tem sido provocada e feita por vós. E nós hoje ainda abraçaríamos não os homens, que promoveram a maioridade, porque esses ha muito, que os abraçamos, mas aquelles mesmos, que combateram na Venda Grande e Santa Luzia. Mas, o que nunca abraçaremos serão os homens da resistencia armada, serão aquelles, que promovem desordens, guerra civil, anarchia: esses nunca: porque para isso fora preciso renunciarmos a todo o nosso passado, a todos os nossos principios: e nunca entendemos, que perturbando a paz e a ordem publica, se promova o bem publico.

As nações crescem, e prosperam á sombra da paz, sobretudo da paz interna: é isto tão sabido! Como então não quereremos paz, querendo o bem desta querida patria? Amamos tanto a paz, que por ella esquecemos todos os nossos resentimentos. Estamos promptos até a reconhecer, que andavam de boa fé os Santos Luzias! que mais quereis? mas quereimos, que renunciem á pretensão de ir ao campo da batalha por qualquer cousa. Queremos guerra, guerra sem treguas á anarchia: essa sim a quereimos ver debellada em todos os angulos do Brasil. E' contra essa, que quereimos, que o ministerio se declare: e é com essa condição, que lhe offerecemos o nosso apoio. E o ministerio que fará? entre nós e a anarchia, por quem se decidirá? se se decidir contra nós, far-lhe-hemos guerra.

Queriam o *Nacional*, que apoiássemos o ministerio, que contra nós se declarasse? O contemporaneo tem cousas!

O JURY.

Antes de escrevermos esta folha, já tínhamos escripto alguma cousa sobre o jury: logo que começamos esta redacção voltámos á materia: temos tido o prazer de ver, que nossas idéias vão sendo abraçadas pelo paiz, e até dos paizes estranhos sabemos, que muitos estão mal com essa instituição. E' verdade, que um ou outro povo ainda faz esforços para ser julgado pelo systema de jurados; mas é onde ainda elle não produziu seus effectos, que onde tal systema tam entrado, todos a uma o vão abjurando.

Como admittir a sorte a julgar da vida, honra, e fazenda de um homem? Em Inglaterra o jury tem uma vantagem: é escolhido pelo sheriff; e ainda assim jurys especiaes são dados para toda a especie de causas, bastando que uma das partes o requeira. E com tudo, as queixas contra o jury em Inglaterra, são continuadas. Se entre nós fosse o jury escolhido pela autoridade, por um delegado do poder executivo, como o é em Inglaterra,

ra! mas então não é o mesmo, que sejam as cousas submettidas ao juizo de um só homem, e este illustrado, e que tendo esperanza de accesso, tem por isso interesse em ser justo? Para que muitos juizes, se um só pôde fazer o mesmo? Para que juizes pela maior parte ignorantes, para decidir de causas, em que muitas vezes são necessarios profundos conhecimentos de jurisprudencia? Na falsidade, no perjurio, no infanticidio, no parto supposto, no venificio, no homicidio, em tantos outros casos, quantas vezes não apparecem questões as mais complicadas, e que aos mais profundos juriconsultos poem em confusão? E todavia todas estas questões entre nós são entregues ao juizo de doze jurados, tirados á sorte d'entre os moradores de um municipio! O que acontece é, que muitas vezes o advogado deixa de parte a questão, trata de algum incidente muito secundario, procura lisongear as paixões dos juizes, e lá vai a sentença de ordinario ao avesso daquillo, que devera ser. Aqui no jury da côrte, já vimos tres homens condemnados porque outro foi achado morto com uma pancada na cabeça: outro condemnado por assassino, quando os facultativos haviam declarado, que provavelmente a morte não era resultado necessario dos ferimentos.

O tribunal do jury carece pois de uma grande reforma: a experiencia propria e alheia nol-a recommenda. Durante o gabinete transacto a pedimos: com a mudança dos homens não mudamos de principios.

PREPARATORIOS.

Consta-nos, que de S. Paulo se tem escripto ao Sr. Tobias a pedir-lhe com instancia, que haja de ir dispondo os seus amigos para as proximas eleições. Dizem-nos tambem, que este Sr. tem respondido a todos, que não quer saber mais de politica: que bem cara lhe tem sido a lição.

Contam-nos mais, que este Sr. se queixa amargamente de individuos, cujos nomes declara, que tendo-o mettido em trabalhos, tiveram até a infamia de negar a parte, que tiveram, nos acontecimentos de S. Paulo em 1842. E que tambem se queixa de outros, que depois até seus inimigos se tem mostrado.

Está isto tanto na ordem das cousas, que de nada duvidamos. O Sr. Tobias é um exemplo, que ali está, para que delle aprendam todos os homens, que tem que perder, a não entrar inconsideradamente em movimentos politicos ou não politicos.

RIO GRANDE.

Continuamos a receber noticias favoraveis do theatro da guerra do sul: o incansavel general barão de Caxias e o bravo exercito de seu commando continuam a perseguir os rebeldes, sem lhes dar um só momento de descanso. Em parte nem-uma se encontra partida rebelde, que logo se lhe não faça fogo: e em parte nem-uma se lhe faz fogo, que logo não seja vencida. Narrar por miudo os diferentes encontros, seria trabalho demasiadamente longo: basta dizer, que um só cabecilha não ha, que não tenha sido batido nestes ultimos tres mezes.

A guerra civil ainda continúa, e por muito tempo terá de continuar; mas já não se pôde chamar guerra civil, e menos se poderá chamar daqui em diante. Os rebeldes do Rio Grande não têm mais centro, que os ligue: cada qual dos chefes, e talvez orcem por uns quinze ou vinte, é superior na sua partida, e a ninguem obedece. E' um exemplo do que é uma federação. Estam juntos em

quanto lhes convier; separar-se-hão logo que lhes convier: mesmo farão mutuamente a guerra se lhes isso convier.

Uma republica, e sobre tudo uma republica federativa é a melhor das fórmulas de governo! São muito os que mandam e poucos os que obedecem, que cousa melhor pôde haver?

BAHIA.

No Pilaõ Arcado, na provincia da Bahia, dous individuos têm levantado consideravel numero de gente, e se têm declarado guerra de exterminio, tem havido já algumas acções entre os belligerantes, em uma das quaes se diz, que ficaram mortos de um lado para cima de duzentos homens. Por em quanto são desavenças particulares; provavel porém é, que cedo qualquer desses dous lados proclame, que suas vistas são politicas, para assim escapar ao rigor das leis. Que importa, que nem-um pensamento politico entre na cabeça desses homens? Não é isso preciso; que pensamento nem-um politico entrava na cabeça dos Vinagres e Malcheres do Pará; e com tudo lá se escaparam elles das prisões, e lá estão gozando da ampla amnistia, que lhe foi dada em 1840, a pretexto de que eram réos politicos. Assim os homens do Pilaõ Arcado serão considerados como réos politicos, logo que disserem, que o são; e nem mesmo será preciso, que o digam se ali alguma vez tornar ao ministerio o Sr. Antonio Carlos.

Já da capital da provincia tinham partido forças de linha para punir os malvados: já desta côrte partiram tambem forças; e conveniente é, que partam mais. O mal corta-se em quanto é pequeno.

THEATRO DE S. PEDRO.

Com o restabelecimento do Sr. Graziani pôde a companhia italiana continuar os seus trabalhos, e quarta feira nos deu o Barbeiro de Sevilha, obra incomparavel do immortal Rossini: a musica desta peça é muito conhecida, para que careça de elogios: musica de um typo muito particular, e que não ha ouvidos, a que deixe de agradar. A companhia satisfaz optimamente a sua tarefa: todas as partes cantaram excellentemente: cada qual no que lhe pertenceu, todas brilharam muito.

O Sr. Graziani resentia-se ainda de seu incommodo: via-se, que estava fraco, e que lhe eram precisos esforços: com tudo cantou muito bem. A Sra. Candiani, nada desmereceu da fama, que adquirira na Norma: quanto a nós como Rosina foi superior. A Norma é uma peça superior: mas o Barbeiro offerece muito mais difficuldades sobre o tablado. Mas seja o que fôr todos cantaram muito bem, e com isto temos dito tudo. Vimos o barbeiro em alguns theatros, e nunca o vimos melhor. E se ha ouvidos tão rebeldes, que se não inflammem ao ouvir tal musica e taes cantores, temos compaixão do infeliz.

ABUSOS.

Fomos ao theatro de S. Pedro, e notamos ali, que uns marihuas inglezes se achavam na platea, armados de espadas: o que quanto a nós é intoleravel abuso. São os inglezes mais privilegiados, que os Brasileiros? Se são, não devem ser. E o militar merece mais favor em um theatro do que o paisano? Se o é, não deve ser. Porém crêmos, que não: crêmos, que ali é o imperio da igualdade, que cada um compra á porta com o seu dinheiro. Ora, se a nós nos não é licito levar uma pequena bengala, como pôde ser licito a um inglez levar uma espada? pois a espada pôde ser menos prejudicial, que a bengala? Quantas vezes em noite de chuva, muita gente não vai ao theatro, só para não ter o trabalho de guardar fóra o chapéo respectivo?

Nada de abusos.